



A construção narrativa no Jornalismo Literário¹

Maria Vitória Élide do Nascimento²

Antonino Condorelli³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O Jornalismo e a Literatura são campos que usam da palavra para escrever suas narrativas. Por isso, elas se tornaram atividades próximas ao longo da História. Porém, o jornalismo, diante da exigência de mercado, teve que criar moldes, tornando-o cada vez mais objetivo, preso a estrutura rígida do *lead*. No entanto, a busca pela produção de um jornalismo mais humanizado e aprofundado fez surgir o chamado Jornalismo Literário. Movimento que busca transformar as reportagens em produções mais contextualizadas, levando ao leitor a construir sua opinião. Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise acerca da produção de narrativas sob a perspectiva do Jornalismo Literário.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Novo Jornalismo; Jornalismo Literário

Introdução

Ao longo dos anos a atividade jornalística sofreu mudanças significativas em todos os seus setores. A forma de produção, cobertura e de escrita foram ganhando traços capazes de responder à urgência exigida nas redações, fazendo dessas, uma espécie de linha de produção. Nesse contexto encontra-se a figura do *lead*, trazendo consigo toda a objetividade, imparcialidade e velocidade de construção da informação. Por objetividade entende-se o efeito discursivo de realismo ou de verossimilhança produzido pela aplicação sistemática de um método de construção textual, e não um reflexo espelhar da realidade. Sendo assim, ela existe não para negar a subjetividade, mas para demonstrar que é impossível evitá-la. Segundo Felipe Pena (2005), a objetividade é “um ritual estratégico dos jornalistas para evitar críticas ao seu trabalho e eventuais processos” (PENA, 2005, p. 52). Ao tratar da imparcialidade Pena (2005)

1 Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 02 a 04 de julho de 2015.

2 Estudante do 2º semestre de Graduação do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFRN, email: vitoriaelida@yahoo.com.br.

3 Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social, UFRN, email: condor_76@hotmail.com.



afirma que até o processo de escolha das fontes traz um pouco de parcialidade. Todo o processo de seleção de falas

e hierarquização na pirâmide invertida estão permeadas pela parcialidade de cada autor de textos jornalísticos.

Tais modelos são vistos como necessários para responder aos anseios por lucratividade e produção contínua dos veículos de comunicação. Porém, atuam empobrecendo o trabalho jornalístico, padronizando as narrativas feitas sem contextualizações, e sem captar a personalidade dos personagens. Os jornalistas, que hoje estão habituados a essa dinâmica, participam desse cenário puramente econômico e perdem aos poucos seu papel de agente transformador da sociedade.

A atividade jornalística é associada ao ato de narrar algo, usando da palavra para relatar fatos que acontecem no cotidiano das pessoas. Contudo, a narrativa sempre foi tida como uma atividade típica da literatura, como sua principal ferramenta para contar histórias. Diante dessa realidade, alguns jornalistas preocupados com a mecanização de suas atividades, decidiram optar pela escrita mais literária para construir suas informações. Surge então o chamado Jornalismo Literário, que preza pela informação de forma mais contextualizada, aprofundada e humanizada.

O jornalismo literário, com sua forma mais complexa de escrita, exige do jornalista tempo e dedicação, para que esse seja capaz de se apoderar da realidade sobre a qual está escrevendo. Porém, ao final da sua escrita, ele terá em suas mãos uma produção capaz de levar a reflexão, e assim gerar possíveis mudanças sociais. O jornalismo literário difere do convencional, justamente por esse perfil que adota. Além disso, ele busca a perenidade das histórias, tornando-as leituras atemporais.

Nesse sentido, é evidente a contribuição de estudos que tratem da narrativa dentro da atividade jornalística, já que o jornalismo tem acima de tudo o compromisso com a notícia, em relatar a realidade.

Diante desse contexto, esse trabalho objetiva, a partir de uma pesquisa bibliográfica, analisar a narrativa dentro do jornalismo literário. Descrevendo as formas de escrita, o perfil das histórias e a finalidade dessa modalidade, que caracterizam a maioria das produções dessa modalidade, independentemente de estilos, autores, correntes e épocas, aprofundando assim, os conhecimentos sobre o Jornalismo Literário.



A narrativa e o papel do jornalismo

Durante muitos anos tratar de narrativa estava associado diretamente ao fato de contar histórias literárias, sendo o romance a sua principal expressão. Porém, na segunda metade do século XX, ocorreu uma mudança nesse pressuposto acerca da narrativa, tornando-a uma área de estudos de caráter transdisciplinar. Barthes (1973) afirma que a narrativa é algo intrínseco a história, todos possuem um fato narrativo, e é isso que conta a história da humanidade.

Segundo Mieke Bal (2001), é considerado um texto narrativo aquele em que há um agente relatando uma narração, através de uma história contada que faz uso da linguagem. Nesse sentido, podem ser vistos como narrativas a fala, a escrita, a pintura, entre outras expressões, fazendo da narrativa um ato não só da literatura, mas também do jornalismo. Genette (1995, p. 23-24) propõe um conceito de narrativa, a partir de três noções diferentes. Para o autor, a narrativa significa primeiramente o enunciado narrativo, o uso do discurso, seja ele oral ou escrito, capaz de descrever um acontecimento. O segundo sentido se refere à sucessão de acontecimentos, reais ou não, atrelados ao discurso. E finalmente, o terceiro e mais antigo sentido refere-se a um acontecimento, mais especificadamente, no ato de narrar certo acontecimento.

A narrativa exige que o autor seja atento ao que se fala, e que principalmente respeite toda a complexidade de uma ação, respeitando a ideia de que toda história tem início, meio e fim, fazendo com que haja a necessidade de situar no tempo o receptor da mensagem, para que assim ela possa apresentar algum significado. Diante disso, percebe-se a importância do papel do narrador, pois este, com seu empenho, interfere diretamente naquilo que é enunciado (GENETTE, 1995). Este mesmo narrador selecionará meios, de forma intencional, para que se atinja o sentido final pretendido.

Isso também ocorre com o discurso jornalístico, pois vários elementos vão sendo adicionados para que se chegue à coerência narrativa, a qual tem a função de divulgar algum fato tido como relevante. Dalmonte (2010) afirma que:

“A valorização dos acontecimentos e sua seleção são elementos que aferem o sentido de veracidade aos fatos reportados pela mídia. Para tanto, é necessário ter clareza quanto ao que se concebe como notícia” (DALMONTE, 2010, p. 220).



O autor diz ainda que apresentar o real é a condição necessária para que se justifique a existência do jornalismo, e que ainda há divergência sobre a relação notícia e veracidade, pois tudo aquilo que é relatado será sempre uma versão dos fatos. Sendo assim, é importante ressaltar que se faz necessário estabelecer uma relação entre o que chamamos de realidade e as suas representações, relação esta intimamente ligada à atividade jornalística.

Ao longo dos anos, a narrativa midiática veio ganhando uma nova formulação e estruturação. As diversas empresas jornalísticas investiram em aparatos tecnológicos capazes de tornar a história de que se fala cada vez mais próxima do real, para que a notícia seja produzida quase que concomitantemente ao fato. Por isso, foram introduzidas as chamadas entradas “ao vivo”, tornando o fato mais próximo do interlocutor, bem como se possibilitou ouvir o que o leitor/receptor tem a dizer.

O processo narrativo recebe mais visibilidade quando se trata de algo que possa prender o leitor, despertando o seu interesse e curiosidade sobre o que se fala. Diante disso, dentro da narrativa jornalística, e tomando-se como base os critérios de noticiabilidade⁴, vê-se que tem mais chance de ser noticiado algum fato que possa gerar interesse por vários dias consecutivos. Isso é uma estratégia da imprensa, pois ao despertar a curiosidade, o veículo de comunicação garante o retorno do leitor a fim de acompanhar o desdobramento dos fatos, consolidando assim a narrativa diária típica do jornalismo (DALMONTE, 2010).

Resende (2006), também encarando a produção jornalística como uma forma narrativa, chamou a atenção para algumas especificidades da narrativa jornalística em comparação a outros tipos de narrativa:

Nas narrativas jornalísticas, o ato de narrar é uma problemática a ser enfrentada. Nelas, a forma autoritária de narrar as histórias mantém-se, e, de certa forma, com muitos agravantes por apresentar-se velada. Envolto no real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como operadores, o discurso jornalístico tradicional – aquele que é epistemologicamente reconhecido – dispõe de escassos recursos com os quais narra os fatos do cotidiano (RESENDE, 2006, p. 8).

4 Traquina (2005, p.63) define os critérios de noticiabilidade como “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia”.



Isso se deve às narrativas jornalísticas carregarem em si vestígios da própria estrutura social. Exigindo, assim, maior cuidado por parte do jornalista ao escrever sua narrativa, para que ela seja apenas a reconstrução dessa estrutura social (ARAÚJO, 2012).

O repórter atua nesse sentido como um narrador de um fato, figura primordial de uma narrativa. Mas devendo sempre ter a preocupação com os modelos textuais, com as regras de conduta e a preservação da chamada imparcialidade⁵, tão exigida na atuação jornalística, fazendo com que o seu compromisso com a verdade seja potencializado, e reconhecido em sua produção jornalística.

É justamente essa pretensão de verdade que distingue a narrativa literária da narrativa jornalística. O discurso com caráter informativo, gerado nos escritos jornalísticos, precisa estar ajustado a realidade, sendo necessário recorrer a fontes, para que se tenha conhecimento aprofundado sobre o que se vai informar, para que se ajuste ao real. Sendo assim, o jornalismo, com a sua responsabilidade de contar fatos, que muitas vezes ainda não foram encerrados, se situa entre informar narrativamente com qualidade e a informar de forma vazia, com base na pirâmide invertida, que em muitos casos não faz a integração dos fatos com as pessoas (SÁNCHEZ, 1992).

Novo Jornalismo: A união do jornalismo com a literatura

O Novo Jornalismo tem seu surgimento ligado ao contexto sociocultural dos Estados Unidos na década de 60. O perfil histórico da época, marcado pelas lutas por direitos civis e a Guerra do Vietnã, trouxe mudanças para a sociedade do país. Diante dessa realidade, viu-se a necessidade de criação de um novo estilo ou forma de fazer jornalismo, para que se moldasse aos interesses humanos. Se a forma já consolidada do jornalismo buscava os furos de reportagem, o Novo Jornalismo buscava a experimentação, uma nova maneira de contar os fatos, de forma mais detalhada, e com atenção maior aos personagens e suas histórias (JORGE; BARROS, 2011).

Tom Wolfe criador do famoso ensaio *The New Journalism*, fala sobre as origens do gênero e trata sobre suas principais características com a seguinte declaração:

⁵ A imparcialidade não é entendida como “ausência de subjetividade”, mas como compromisso com a completude da informação (ou seja, narrar tudo o que se sabe e englobando na narrativa os diversos pontos de vista sobre o tema, mesmo que isso não impeça que se aborde o assunto de um ponto de vista subjetivo, que se reflete nas escolhas feitas no lead e na pirâmide invertida).



Duvido que muitos dos que irei citar neste trabalho tenham se aproximado do jornalismo com a menor intenção de criar um novo jornalismo, um jornalismo melhor, ou uma variedade ligeiramente evoluída. Sei que jamais sonharam que nada do que escrevessem para jornais e revistas fosse causar tal estrago no mundo literário [...] provocar pânico, roubar da novela o trono de maior dos gêneros literários, dotar a literatura norte-americana de sua primeira orientação nova em meio século [...] (WOLFE, 1976, p.9).

Wolfe (1976) mostra que, apesar de ser novidade e despretencioso, o movimento literário conhecido como Novo Jornalismo foi recebido com sucesso por escritores e jornalistas. O autor fala ainda que essa nova modalidade veio para satisfazer o desejo que certos jornalistas possuem de escrever um romance. “Estou ansioso por apostar que, não há muito tempo, a metade das pessoas que iam trabalhar na imprensa o faziam na crença de que o seu destino real era o de ser romancistas.” (WOLFE, 1975, p. 16). Tal ponto faria com que os jornalistas atingissem um degrau a mais na escala de valores literários.

O Novo Jornalismo utiliza como principal gênero jornalístico a grande reportagem. Nesse modelo de escrita, o jornalismo se situa entre o informativo e o literário, pois o jornalista gasta mais tempo buscando novas informações, explorando o que as fontes tem para oferecer, ampliando os fatos. Para Resende (2006), as narrativas tradicionais feitas pelo jornalismo pretendem alcançar algo quase inatingível, que é a imparcialidade e a objetividade na descrição dos fatos amarrada a uma estrutura puramente técnica conhecida como lead.

Com o Novo Jornalismo, houve uma mudança na postura do jornalista, que torna a viver o universo ao qual retrata em sua reportagem, mergulhando no mais puro realismo da história, para que esse seja vislumbrado em sua cobertura. O leitor é estimulado perceber traços do real, a entrar na história, a imaginar as cenas a partir da descrição dos fatos, características próprias das narrativas literárias. Um dos mais famosos exemplos desse tipo de narrativa foi o produzido por Gay Talese em 1966, quando ele escreveu o texto “Frank Sinatra está resfriado”:

Segurando um copo de uísque em uma das mãos e um cigarro na outra, Frank Sinatra estava de pé em um canto escuro do bar, entre duas atraentes, mas apagadas louras. Elas estavam sentadas, esperando que ele dissesse algo. Mas ele não disse nada; estivera calado durante a maior parte da noite, mas agora, em sua boate privada em Beverly Hills, parecia ainda mais distante (TALESE, 1966).



Para aqueles aficionados pela estrutura da pirâmide invertida, ler um texto como esse era sinônimo de monotonia. Porém, o repórter usou sua capacidade de observação para descrever todo o desenrolar de um acontecimento, que culminou com a conclusão de que Frank Sinatra não concedeu uma entrevista porque estava gripado.

Pena (2006) relata que o Novo Jornalismo apresentava quatro técnicas, que ainda hoje são utilizadas por aqueles que fazem uso do Jornalismo Literário: A reconstrução da história cena a cena; o registro dos diálogos completos e reais; a exploração das variadas possibilidades de foco narrativo; e o registro das principais características do personagem. Tais procedimentos permitem ao jornalista capturar bem os fatos para uma melhor elaboração do texto, induzindo nesse, a sua visão sobre a história, indo assim de encontro à ideia de imparcialidade tão exigida dentro do jornalismo tradicional. “O objetivo é assumir um perfil ativista, questionar valores, propor soluções” (PENA, 2006, p. 60).

No Brasil, os primeiros veículos de comunicação a fazer uso desse gênero foram a Revista Realidade e o Jornal da Tarde, na década de 90. Esses produziam reportagens de forma diferenciada, com um cunho mais criativo e aprofundado, levando a uma melhor interpretação dos fatos, já que a amplitude da matéria era mais elevada (ALEIXO; SANTOS, 2013). Nos dias de hoje, as formas mais presentes da união entre literatura e jornalismo nos veículos de comunicação são as biografias, cada vez mais escritas por jornalistas, e os romances-reportagem.

Jornalismo Literário: Forma alternativa de tratar a realidade

O jornalismo é uma atividade ligada à realidade, e tem como papel fundamental reconstruí-la narrativamente, tornando-a acessível a todos. Porém, este fazer jornalismo sempre esteve atrelado a conceitos e posturas rígidas de redações, sempre pautadas na urgência de noticiar os fatos. Nesse processo, a literatura e o jornalismo sempre caminharam juntas, porém não eram trabalhadas de maneira conjunta. Foi no século XIX que a influência da literatura sobre o jornalismo ficou mais explícita, com a criação do folhetim. “Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, aumentando assim, o número de leitores”, diz Felipe Pena (2006, p. 29). Foi então por meio dos folhetins, que muitos escritores, ditos antes como totalmente literários, iniciaram o caminho rumo ao



jornalismo, se tornando editores, repórteres e cronistas. Isso possibilitou ainda mais a união entre o jornalismo e a literatura.

Porém, no século XX essa realidade mudou. O jornalismo tornou-se mais engessado, voltado para a produção de um efeito discursivo de objetividade e para a precisão no relato dos fatos. Nesse contexto, a literatura passou a ser tratada pelo seu valor notícia, e apenas os grandes lançamentos que se encaixavam na lógica jornalística ganhavam espaço na mídia (VELLOSO, 2013). Diante disso, cresceram os anseios e desejos de alguns jornalistas em mudar esse cenário ríspido do jornalismo, tornando-o menos objetivo e imparcial. Surgiu assim, como vimos, o Novo Jornalismo de Tom Wolfe que, segundo o próprio autor, se propunha a “evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza tal imprensa objetiva. Os repórteres devem ser mais subjetivos, ter mais personalidade, mesmo sendo escravos do manual da redação.” (WOLFE *apud* PENA, 2006, p. 54).

Mas foi na década anterior, em 1966, que Truman Capote lançou o livro considerado tornou um marco no Jornalismo Literário. *A Sangue Frio* conta a história do assassinato de uma família, que na época se tornou conhecimento do autor por uma pequena nota de jornal. Capote dedicou seis anos de sua vida na investigação desse crime e abriu portas para um novo fazer jornalístico, invertendo a lógica vigente, aproximando o texto jornalístico do literário. Foi então que surgiu uma nova perspectiva aos jornalistas, de deixarem de ser apenas contador de fatos para se tornarem escritores de histórias (BRITES; SOUZA; CRUZ, 2014).

Pena (2006) frisa bem que o Jornalismo Literário busca romper com as barreiras do *lead*, deixando para trás as formas emolduradas dos manuais de redação, produzindo textos com intuito de inspirar o leitor, para que esse seja capaz de ler os fatos de forma mais humanizada.

O Jornalismo Literário não descumpra a função central do jornalismo que é a de informar. Ele o faz, porém, de forma mais criativa, fazendo uso de narrativas mais livres, e apurações mais profundas, aprimorando a capacidade de observação do jornalista. Sendo assim, o Jornalismo Literário pode ser considerado uma alternativa para uma melhoria das narrativas jornalísticas.

Gama e Falco (2014) destacam algumas características comuns a esse tipo de narrativa: a exatidão e precisão, feita de forma mais criativa; a liberdade de temática; a abordagem multiangular, criando o sistema de causa e consequência; a criação e voz autoral daquele que se dedica a escrever a reportagem; a imersão na realidade dos



personagens; e a humanização, fazendo com que as pessoas sejam visualizadas como personagens da narrativa, e não apenas fontes. Pena (2006) adiciona a essas características pontos como a potencialização dos recursos jornalísticos por parte do jornalista literário, que irá desenvolver estratégias para realizar uma apuração mais detalhada e ética; o transpor limites do acontecimento, deixando de lado a necessidade da periodicidade e a atualidade, tornando as notícias fatos atemporais; a formação cidadã a partir das reflexões feitas com a reportagem; e a busca por fontes não oficiais, permitindo assim, criar alternativas e dar voz aos cidadãos comuns.

Nessa perspectiva o “jornalismo literário se opõe claramente ao jornalismo convencional, em que se tenta anular a experiência individual, tanto de quem escreve quanto daqueles sobre os quais se escreve” (LUGÃO, 2012, p. 59). A busca pela quebra da uniformidade do *lead* também fez com que o Jornalismo Literário ganhasse mais espaço nos textos jornalísticos, tornando-os mais atrativos, com profundidade e mais humano. Para Felipe Pena (2006), o uso do Jornalismo Literário deve ser para inovar não só o *lead*, mas também todo o texto, pois esse modelo busca potencializar os recursos do jornalismo, proporcionar visões mais amplas, romper barreiras e garantir perenidade.

Edvaldo Pereira Lima (1996) acredita que o Jornalismo Literário deva abranger, além do texto, a sociedade. Para o autor, o jornalista-escritor é um repórter que, ao escrever sua reportagem, busca se apoderar da realidade para conhecê-la bem e assim, trazê-la à compreensão. É também alguém que se afasta da frieza do jornalismo convencional, e que se mostra como autor de uma narrativa em que se dá destaque aos personagens que existem atrás de cada fonte, traz à tona o acontecimento, e que esgota suas estratégias jornalísticas, tornando o leitor mais informado, porém, de forma mais contextualizada, e acima de tudo, mais humana.

Considerações Finais

A atividade jornalística é adaptada hoje à realidade midiática, em que as notícias chegam a cada segundo nas telas dos aparelhos eletrônicos. Por isso, o que vemos é a produção de notícias sendo realizadas de forma mais rápida, supostamente “objetiva” e “imparcial” – ou melhor, produzindo esses efeitos discursivos por meio de procedimentos padronizados de produção textual - para cumprir as exigências normativas das redações.



Isso gera notícias frias, superficiais, com o objetivo apenas de responder as perguntas básicas de um *lead* preocupado em saber o que, como, onde, quando, quem e o porquê do fato. Dessa forma, dificulta a percepção crítica do leitor diante dos acontecimentos relatados, já que esse se limita a ler as manchetes, que em muitos casos não são nada criativas, e o primeiro parágrafo da notícia.

O Jornalismo Literário surge dentro desse cenário como uma busca por mudança na forma de narrar histórias. Com um intuito também de informar, porém, de maneira mais abrangente, liberta, contextualizada e humana.

O jornalista que se propõe a trabalhar dentro dessa perspectiva não deixa de ter compromisso com a realidade. Muito pelo contrário, ele usa o seu poder de narrativa literária para preservar a essência jornalística. Com isso, quem tem maior ganho é o leitor, que terá diante de si, uma história repleta de informações e sensibilidade.

Referências

ALEIXO, Juciane de Jesus; SANTOS, Sheila Feitosa. Jornalismo e Literatura: análise do foco narrativo em Rota 66. In: Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Mossoró, RN, 2013.

ARAÚJO, Bruno Bernardo de. **A narrativa jornalística e a construção do real**. BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalisticaconstrucao-real.pdf>>. Acessado em: 18 de maio de 2015.

BAL, Mieke. **Teoria de la narrativa**, Cátedra: Madrid, 2001.

BARROS, Bruna Renata Cavalcante de.; JORGE, Thais de Mendonça. Repórter-Marginal: o Novo Jornalismo no Brasil e a produção de João Antônio na Revista Realidade, entre 1966 e 1968. **VII Encontro Nacional de História da Mídia**. Unicentro, Guarapuava, PR, 2011.

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, Vozes, 1973.

BRITES, Daiane Balão; CRUZ, Fábio Souza da; SOUZA, Elise Azambuja. **Jornalismo Literário Contemporâneo: As semelhanças de divergências na obra de Caco Barcellos**. In: Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Palhoça, CS, 2014.

DALMONTE, Edson Fernando. Narrativa jornalística e narrativas sociais: questões acerca da representação da realidade e regimes de visibilidade. In: FERREIRA, Giovandro Marcus; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; MORAIS, Osvando J. de. (Org.). **Teorias da comunicação: trajetórias investigativas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. p. 215-232.

FALCO, Alessandra de.; GAMA, Danielle da. **Jornalismo literário x Factual em revistas: Análise de reportagens sobre o Atlético Mineiro na Piauí e na Veja**. In: Anais do XIX Congresso de Comunicação na Região Sudeste, Vila Velha, ES, 2014.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega Universidade, 1995.



LUGÃO, C. C. **Jornalismo literário: a literatura do fato**. Rio de Janeiro, RJ : Intratextos, 2012.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Fernando. Jornalismo e enunciação: perspectivas para um narrador jornalista. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (org.) **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SANCHEZ, J.F. Munhoz. El periodista como contador de histórias, Estudos de periodística, Universidad Complutense, Madrid, 1992.

TALESE, Gay. **Frank Sinatra has a cold**. Esquire Magazine. Nova Iorque - EUA: Abril de 1966. Disponível em: <http://www.esquire.com/features/ESQ1003OCT_SINATRA_rev_>. Acessado em 19 de maio de 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.

VELOSSO, Luiza Novetti. **Elementos do jornalismo literário presentes na revista Piauí**. (2013). 55 fls. Monografia. Centro Universitário de Brasília, 2013.

WEISE, Angélica Fabiane. **Para compreender o jornalismo literário**. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorioacademico/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/>. Acessado em 20 de maio de 2015.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.